



O outro lado da Astronomia: O papel dos jesuítas na transmissão da Astrologia europeia para a China e o Oriente

Luís Campos Ribeiro
Lisboa

Devido à extensão global das suas missões, os jesuítas estabeleceram a maior rede de intercâmbio cultural e de educação global do período Moderno. As trocas que promoveram na Índia, China e Japão foram de enorme importância para a disseminação do conhecimento científico europeu no Oriente. Entre estes conhecimentos estava a Astrologia, que diferentemente do seu estatuto na actualidade, era neste período considerada uma das mais importantes vertentes práticas da Astronomia. Estava inserida nas então chamadas «matemáticas», que incluíam também disciplinas como a Geografia e a Navegação, e fazia parte da educação básica de qualquer estudante de matemática. A Astrologia não só era parte fundamental da cultura europeia, como também fazia parte das tradições culturais da Índia, tendo os seus equivalentes nas culturas Chinesas e Japonesas. Por esta razão é plausível supor que fosse também um produto relevante nestas trocas culturais e de conhecimento. Além do mais, a tecnologia astronómica ocidental que tanto cativou o interesse das culturas orientais, e em particular a chinesa, tinha como uma das suas principais aplicações o cálculo astrológico. Contudo, o papel da astrologia neste processo de intercâmbio está grandemente por explorar. Este artigo oferece um estudo do caso chinês, sobre o qual a produção historiográfica está mais desenvolvida.

Luís Campos Ribeiro é Investigador Integrado no CIUHCT (Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia), Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. O presente artigo é uma versão em Português de um estudo sobre o papel dos jesuítas na transmissão da astrologia para a China, desenvolvido no âmbito da minha tese de doutoramento (Ribeiro 2021).

Uma nova Astrologia para um antigo império

A China oferece um dos mais relevantes exemplos do uso da astrologia pelos jesuítas nos seus esforços de missão (por exemplo: Lippiello 1998; Standaert 2001; Romano 2004; Qi 2011; Zhu 2015). Neste estudo vamos exemplificar o papel da astrologia na missão da China através dos textos dos principais autores no campo da astronomia e matemática: Matteo Ricci, Johann Adam Schall von Bell, Ferdinand Verbiest e Jan Mikołaj Smogolecki.

A missão jesuíta na China, suas várias etapas e o seu impacto na disseminação do conhecimento científico e técnico no Oriente, é bem conhecida pelos historiadores da ciência (por exemplo: O'Malley *et al.* 1999; Jami / Engelfriet / Blue 2001; Saraiva 2004; Elman 2005; Saraiva / Jami 2008; Jami 2012; Smith 2013). Francisco Xavier tinha objectivo entrar na China em 1552, mas faleceu antes de chegar ao continente. Desta forma a missão só teve um início efectivo mais tarde, em 1582, pela mão de Matteo Ricci, que conseguiu estabelecer uma presença permanente da Companhia na China. O conhecimento astronómico europeu era um dos mais valiosos produtos de troca que tinha ao seu dispor, e Ricci prontamente ofereceu os seus serviços como astrónomo ao imperador. Estes incluíam a previsão precisa de fenómenos celestes tal como eclipses e o cálculo do calendário, que, para além das óbvias aplicações cronológicas, tinham também um propósito de prognosticação, sendo a interpretação de augúrios e a escolha de dias favoráveis e desfavoráveis prática comum na cultura chinesa.

Desde o início os missionários jesuítas foram muito críticos destas tradições chinesas de prognosticação e uso de augúrios celestes, pois tal prática era considerada divinação e superstição, contrária à fé Cristã e proibida pelos cânones da Igreja Católica. Esta postura, focando em particular a astrologia, é-nos dada pelo jesuíta Nicolas Trigault, missionário na China, no seu texto *De Christiana expeditione apud Sinas suscepta ab Societate Jesu* (Lyon, 1615) escrito a partir das notas de Ricci:

Verùm hi Astrologi nihil admodum de coelestibus phænomenis ad rationis calculos reuocandis adlaborant. Magnam partem in praedicendis Eclipsium momentis, & Planetarum ac stellarum motibus occupantur. Sed hæc etiam omnia mille scatent erroribus. Denique omnem ferè suam de sideribus cognofcendis scientiam, in eam, quæ à nostris Iudiciaria est appellata, referunt, arbitrati, quæcunque in hoc elementari orbe fiunt, ab sideribus dependere. In his

tamen Mathematicis disciplinis, aliquid ab Saracenis, qui ab Occasu venerant, accepere, sed nihil illi demonstrationum auctoritate confirmant, sed solùm tabulas quasdam reliquerunt, ad quarum normam fastos suos, Eclipses utriusque planetæ, & omnium motus revocantur. (Trigault 1615: 30)

Mas estes astrólogos [da China] não se preocupam muito em reduzir os fenómenos celestas às regras da razão. Eles estão maiormente ocupados na previsão do momento dos eclipses e o movimento de planetas e estrelas. Mas mesmo todas essas coisas estão cheias de mil erros. Em suma eles resumem quase toda a sua ciência do conhecimento dos corpos celestes ao que nós denominamos [Astrologia] judiciária, acreditando que tudo o que acontece neste mundo inferior depende das estrelas. Contudo, eles aprenderam algo destas disciplinas matemáticas dos Sarracenos que vieram do Oeste. Mas estes sem confirmar nada pela autoridade da demonstração apenas lhes legaram algumas tabelas, às regras de quais eles [chineses] reduzem os seus calendários, os eclipses e os movimentos de todos os planetas. (Tradução do autor)

Nesta afirmação é clara uma crítica ao conhecimento astronómico chinês, assim como às práticas astrológicas e divinatórias. As restrições que na Europa, a Igreja Católica impôs à Astrologia quanto à previsão de eventos contingentes e dos que interferiam com o livre arbítrio, não existiam na cultura chinesa. Desta forma Ricci e os outros missionários jesuítas tiveram de lidar com uma atitude filosófica e religiosa em relação à astrologia e à divinação completamente diferente da sua, cedo se apercebendo que alterar as tradições chinesas não seria tarefa fácil (cf. Huang Yi-Long 1991; Huang Yi-Long 1993).

Como se torna claro nas palavras de Trigault, a Astrologia já tinha uma longa história na China. Para além das suas próprias formas de filosofia natural e uso de augúrios celestes, os chineses já tinham tido contacto com a Astrologia Indiana e Árabe que eram muito mais próximas da astrologia europeia, especialmente esta última (cf. Kotyk 2018; Mak 2019). Para a tarefa de observar, calcular e prever fenómenos celestes, assim como a computação do calendário, o governo chinês tinha uma instituição própria, um Departamento de Astronomia, também conhecido como o Tribunal de

Matemáticas.¹ Foi no seio desta instituição que, através dos seus conhecimentos de astronomia e matemática, os jesuítas encontraram um ponto de entrada para a corte chinesa e suas tradições.

A astrologia prática de Schall

Apesar da postura anti divinação que seria de esperar de qualquer jesuíta como membro da Igreja Católica, a Astrologia foi sempre parte da sua cultura de origem. Qualquer jesuíta com conhecimentos básicos de Matemática e Astronomia teria igualmente aprendido nalgum ponto da sua instrução alguns preceitos básicos da chamada Astrologia Natural. Assim, a Astrologia estava presente de alguma forma na sua transmissão de conhecimentos científicos europeus ao Oriente. Isto exemplifica-se de forma clara no caso de Johann Adam Schall von Bell. Alemão de origem, ele entrou na Sociedade em 1611, completou a sua instrução no Colégio Romano e em 1618 navegou de Portugal para a China juntamente com Nicolas Trigault. Depois de vários anos na China, Schall conquistou o favor do novo imperador Qing tornando-se o responsável do Tribunal de Matemáticas. Neste período os jesuítas tinham conseguido a admiração dos governantes chineses pela sua capacidade de prever fenómenos celestes com grande precisão. Assim, os seus conhecimentos e tecnologia astronómica era muito bem recebidos na corte imperial. Na sua nova função Schall introduziu várias reformas ao calendário e integrou novos métodos astronómicos mais precisos do que os utilizados previamente pelos matemáticos chineses. Contudo, Schall tornou-se também o responsável, ainda que talvez de forma indireta, de todo o trabalho de prognosticação que era uma das principais funções da instituição. Ele parece ter aceitado este papel, possivelmente para manter uma posição próxima corte. São conhecidos alguns dos prognósticos realizados por Schall: um prognóstico de um eclipse lunar, em 1647, e outro relativo a um parélio (ou falso sol) observado em 1657, ambos apresentados ao imperador (cf. Lippiello 1998). Ele terá baseado as suas interpretações utilizando um texto chinês do século VII, o *Guanxiang waltzhan* (*Estudo sobre profecias [baseadas na] observação de fenómenos celestes*), do qual ele meramente cita as interpretações dos fenómenos (cf. Lippiello 1998: 407). A atitude de Schall em relação à divinação chinesa parece ser ambígua. Por um lado, ele con-

¹ Para um estudo extensivo sobre o calendário chinês ver Martzloff 2016; sobre o Tribunal das Matemáticas e os Jesuítas, ver Romano 2004.

dena, como qualquer jesuíta, as práticas supersticiosas dos chineses, mas por outro ele fez uso delas, legitimando algumas destas práticas calêndricas no seu texto *Minli puzhu jiehuo (Comentário ao calendário popular)*, argumentando que elas resultavam da experiência dos antigos chineses e não deveriam ser completamente descartadas como superstição (cf. Lippiello 1998: 419). Este mesmo argumento era muitas vezes usado para legitimar algumas componentes da astrologia europeia, afirmando-se comumente que as associações de certas configurações celestes a determinados eventos resultava de centenas de anos de experiência de múltiplos praticantes. Esta postura de Schall está também presente na introdução ao seu trabalho *Jiao-shi lizhi (Notas sobre os eclipses, 1632–34)*, onde aconselha a cautela e discernimento quando se interpreta fenômenos celestes e seus possíveis efeitos (cf. Lippiello 1998: 425-428).

Nem todos os membros da Companhia foram tão tolerantes às práticas chinesas e ao envolvimento de Schall nelas, pois foi acusado pelos seus colegas jesuítas de praticar e sancionar práticas divinatórias proibidas pela lei Católica. Em 1645 o seu colega Gabriel de Magalhães acusou Schall de práticas supersticiosas na sua posição no Tribunal de Matemáticas. Esta polémica, intitulada de o «caso Schall» por Antonella Romano, ou a «disputa do almanaque» por Huang Yi-Long, prolongou-se por alguns anos, pondo em questão o quanto a acomodação levaria os jesuítas a apoiar, mesmo que indiretamente, a superstição e a idolatria (cf. Romano 2004: 737; Huang Yi-Long 1993: 94-97). Schall defendeu-se afirmando que, por um lado, ele não era responsável pelas previsões do calendário e que estas eram feitas por outros oficiais chineses, e, por outro, que muitos aspectos do calendário chinês eram similares aos almanaques europeus que a Igreja não proibia. Em 1664 o Papa aceitou as explicações e Schall foi-lhe permitido manter a sua posição no Tribunal.²

No entanto, a evidencia mais relevante da transmissão da astrologia europeia para a China é um manual astrológico em chinês traduzido por Schall por volta de 1644, o *Tianxue shiyong 天學實用 (Prática da Astrologia)* (cf. Qi 2011: 486). Este tratado foi produzido para responder ao desejo do imperador de conhecer a interpretação astrológica das várias configurações das estrelas e planetas. Numa missiva ao imperador, Schall afirma que este livro era usado como um texto de ensino nas escolas ocidentais e logo que

² Para uma descrição detalhada desta polémica ver Romano 2004; Collani 2013; Collani 2016.

estivesse pronto seria utilizado para substituir os métodos de divinação chinesa no Tribunal das Matemáticas com um novo método astrológico (Qi 2011: 487). Assim, Schall propõe a tradução completa deste manual astrológico ocidental ao imperador:

Premièrement, si l'on observe les mouvements du Soleil, de la Lune et des Cinq Planètes sans comprendre de quelle manière ils sont corrélés aux affaires humaines, il n'y aura pas moyen de préparer les secours pour affronter les sécheresses et les inondations, et si celles-ci adviennent, les soldats, les paysans, les médecins, les marchands seront dispersés. Dans mon pays d'Occident, il y a un ouvrage intitulé *Pratique de l'astrologie*, dont le premier livre a déjà été traduit, au prix d'un travail sans repos. Si Sa Majesté ordonnait que l'on terminât [la traduction], on pourrait dès lors utiliser la nouvelle méthode dans tous les commentaires, et cela pour le plus grand bénéfice des peuples de nombreux pays [...]. (Huang Yi-Long 1993: 93)³

Em primeiro lugar, se alguém observa os movimentos do Sol e da Lua, e dos cinco planetas sem qualquer entendimento do modo como eles se correlacionam com os assuntos humanos, não haverá maneira de preparar o socorro para lidar com secas e cheiras, e se estas ocorrerem, os soldados, os camponeses, os médicos, e os mercadores serão disperses. No meu país do Oeste há um livro intitulado *Prática da astrologia*, cujo primeiro livro já foi traduzido, pelo preço de trabalho sem descanso. Se sua majestade ordenar que acabemos, poderíamos então usar este novo método em todos os comentários, e isto para benefício dos povos de muitos países [...].⁴

Esta tentativa de introduzir a astrologia europeia no Tribunal parece não ter resultado, pois Schall mais tarde comenta que:

La méthode occidentale est entièrement occupée de calculs; les commentaires divinatoires faits par le Bureau suivent comme par

³ Citado das memórias (*Zoushu*) escritas por Schall em 1658 e incluídas numa cópia do *Xiyang xin fa lishu* do Museu do Palácio Imperial de Taipai e traduzido para o francês por Huang Yi-Long.

⁴ A tradução do francês é minha (outra versão pode ser encontrada em Qi 2011: 487).

le passé la méthode chinoise. Ce ne sont pas des applications de la méthode occidentale. (Huang Yi-Long 1993: 93, nota 34)

O método ocidental está completamente ocupado dos cálculos; os comentários divinatórios feitos pelo Tribunal, seguem, como no passado, o método chinês. Estas não são aplicações do método ocidental. (Tradução do autor)

Contudo, a primeira parte da tradução, o *Tianxue shiyong*, foi finalizada e impressa e parece ter sido bem aceite pelos chineses, existindo testemunhos do seu uso até às décadas finais do século XVII.

O *Tianxue shiyong* apenas oferece os fundamentos da astrologia ocidental: a natureza dos planetas, a natureza das estrelas fixas, condições acidentais dos planetas, dignidades essenciais, a natureza dos signos do zodíaco, as doze casas, configurações e aspectos dos planetas (ver tabela) (cf. Qi 2011: 488). Este conteúdo é consistente com a afirmação de Schall de que apenas a primeira parte estava completa uma vez que contém apenas os princípios teóricos da astrologia que compõem a primeira parte de qualquer manual de Astrologia.

Tabela 1 – Conteúdos do *Tianxue shiyong* 天學實用 (Prática da Astrologia)

天文實用卷一目錄	Prática da Astrologia, fascículo 1, Índice
1. 一七政依原情之力	Os poderes dos sete planetas relativamente às qualidades primárias
2. 七政性情	A natureza dos sete planetas
3. 七政類及勢情	A natureza dos sete planetas relativa ao poder e condição
4. 一七政依恒星之力	O poder dos sete planetas relativamente às estrelas fixas
5. 恒星總像力	O poder das constelações de estrelas fixas
6. 恒星各本力	Todos os poderes fundamentais das estrelas fixas
7. 恒星較黃赤道等力	Outros poderes das estrelas fixas relativas à eclíptica e ao equador

8. 一七政依本圖之力	Os poderes dos sete planetas de acordo com as esferas celestes
9. 距地還近等七政之效原	Causas dos efeitos dos planetas longe e perto da Terra
10. 一七政依公圖之力	Os Poderes dos sete planetas relativamente aos círculos maiores
11. 黃道諸宮性情	As naturezas dos signos zodiacais da eclíptica
12. 黃道諸宮異同各類	As várias semelhanças e diferenças entre os signos zodiacais da eclíptica
13. 十二舍各性情	Cada natureza das doze casas
14. 七政本性之位 犹言地位	Os poderes naturais dos lugares dos sete planetas [dignidades essenciais]
15. 一六曜依太陽之力	Poderes dos seis planetas em respeito ao Sol
16. 六曜距太陽還近力	Poderes dos seis planetas de acordo com a sua distância do Sol
17. 六曜距太陽左右等力	Poderes dos seis planetas estando orientais ou ocidentais ao Sol
18. 一七政依本合之力	Poderes dos seis planetas dependendo da conjunção básica
19. 七政相照之情	A natureza dos sete planetas na sua iluminação mútua [aspectos]
20. 七政相照之次類	Categorias secundárias dos sete planetas em seus aspectos mútuos

A fonte para este texto tem sido apontada como sendo o *Quadripartitum* ou *Tetrabiblos* de Ptolemeu (c.100– c.170), uma das obras basilares da Astrologia europeia, mas incorporando algumas adaptações ou, alternativamente, a popular *Introdução à arte dos juízos das estrelas de Alcabitius* (cf. Qi 2011: 487; Qi 2013: 436-437).⁵ No entanto, neste período, esta afirmação é válida

⁵ Abu al-Saqr Abd al-Aziz ibn Uthman ibn Ali al-Qabisi (m.967), conhecido pelo o nome latinizado de Alcabitius, escreveu um influente tratado de introdução à astrologia cuja tradução latina (do séc. XII) foi publicada várias vezes ao longo dos séculos XV e XVI.

para quase todas as obras de introdução à Astrologia. Ptolemeu não é a única fonte das doutrinas astrológicas ocidentais, mas é sem dúvida uma das principais. Ainda mais, o revivalismo dos autores gregos do Renascimento do século XV fez da obra de Ptolemeu o modelo para a maioria dos textos de astrologia modernos. Quase todos os autores dos séculos XVI e XVII apresentam a doutrina astrológica de acordo com Ptolemeu tanto quanto possível. Existem, contudo, muitas variações e poucos livros seguem fielmente a mesma ordem de capítulos do *Quadripartitum*. As maiores semelhanças ocorrem no interior dos capítulos, na ordem pela qual os vários conceitos são apresentados. Por exemplo, no capítulo de dignidades essenciais é frequente a inclusão dos conceitos de «carpento» e «almugea» tal como delineado no *Quadripartitum* (livro I, capítulo 23), sendo estes geralmente discutidos fora deste contexto nas obras medievais. O desvio mais notório a Ptolemeu dá-se invariavelmente no capítulo relativo às doze casas celestes, que Ptolemeu, ao contrário de quase todas as obras astrológicas, não inclui no seu tratado.

Portanto, não é surpresa verificar que o *Tianxue shiyong* segue de perto a ordem de exposição ptolemaica. No entanto, este texto está longe de ser uma simples tradução de Ptolemeu. O desafio está em precisar qual a sua fonte original, que Schall afirma ser um texto comumente usado para ensinar astrologia. A primeira dificuldade encontra-se no facto do *Tianxue shiyong* ser apenas um livro de conceitos astrológicos fundamentais, pois estes são geralmente apresentados da mesma forma em quase todos os livros astrológicos. Adicionalmente, é geralmente assumido que este e outros textos semelhantes são traduções. Mas é igualmente provável que sejam textos originais criados a partir dos conhecimentos que qualquer astrónomo deste período teria deste assunto e complementados com notas e citações de outros autores. Um exemplo desta prática, também de autoria jesuíta, são as lições de Astrologia do Colégio de Santo Antão em Lisboa (cf. Ribeiro 2021: 271-329). Tendo isto em conta, e considerando que é necessário mais pesquisa, a forma como os capítulos do *Tianxue shiyong* estão organizados, assim como o seu conteúdo, é muito semelhante ao *Isagoge in Iudiciariam Astrologiam* de Antonio Giovanni Magini, um autor com uma relação próxima com o colégio jesuíta romano (cf. Magini 1582: 33r-48v). Esta obra muito influente, publicada como um suplemento das suas *Ephemerides coelestium motuum* (1582), oferece uma introdução aos princípios da astrologia, tornando-a uma obra de referência frequentemente citada por outros auto-

res.⁶ Entre estes encontram-se autores jesuítas como Paul Guldin, Giovanni Battista Riccioli, Hugh Sempill e Kaspar Schott, bem as lições astrológicas do Colégio de Santo Antão de Lisboa de João Delgado, Sebastião Dias e Simon Fallon cujos capítulos introdutórios seguem uma ordem semelhante à de Magini. Adicionalmente, os textos astrológicos do século XVII, por uma questão de modernidade, mostram uma nítida preferência por citar obras recentes invés de fontes medievais mais antigas, como Alcabitus (apesar da doutrina ser em tudo semelhante). As restantes partes por publicar do *Tianxue shiyong* teriam providenciado mais dados relativo à sua fonte. Tendo em conta o modelo de livro astrológico deste período, estas partes adicionais seriam sobre astro-meteorologia, natividades (com o foco na medicina) e, possivelmente, eleições de teor agrícola e médico. Esta é a mesma estrutura seguida pelas lições de Santo Antão e as breves apresentações da astrologia de Sempill e Schott (cf. Ribeiro 2021).

É importante notar para futuras investigações que o *Tianxue shiyong* foi adaptado para incluir algumas referências a sistemas astronómicos e astrológicos chineses, como por exemplo no capítulo das constelações, onde são referenciadas as divisões típicas da astronomia chinesa. Este é um argumento adicional para este texto não ser uma mera tradução, sendo também revelador do conhecimento astrológico de Schall von Bell e da sua estratégia para implantar os conhecimentos astrológicos europeus na China. Seguindo as instruções do seu livro, as práticas chinesas tidas como maioritariamente supersticiosas pelos cristãos seriam substituídas por uma astrologia matemática com base em causas naturais (ou seja, científica), livre de qualquer componente moralmente dúbia para a Igreja.

⁶ O *Isagoge in Iudiciariam Astrologiam* for primeiro publicado em 1582 (cf. Magini, 1582, 33-48) mas teve várias edições posteriores. Para uma descrição geral do texto de Magini, embora parcial e datada, ver Clarke 1985: 55-68. Para outro texto relevante, ver Favaro 1886.

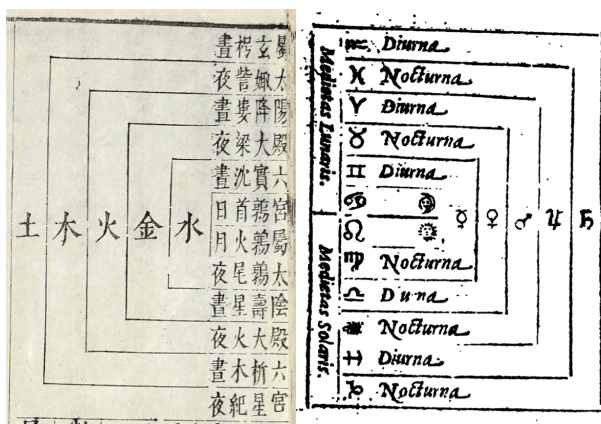


Fig. 1 – Os domicílios dos planetas: esquerda, *Tianxue shiyong*(p. 21); direita, *Isagoge* (fol. 43)

Vários diagramas do *Tianxue shiyong* seguem a mesma forma de representação dos manuais de astrologia europeus. Estes incluem tabelas de dignidades essenciais, o diagrama das doze casas astrológicas (ver fig. 2) e um diagrama dos aspectos (ver fig. 3). Os cinco planetas (excluído o Sol e a Lua) têm os nomes dos cinco elementos: a estrela da água 水 (Mercúrio), a estrela de metal 金 (Vénus), a estrela de fogo 火 (Marte), a estrela de madeira 木 (Júpiter) e a estrela de terra 土 (Saturno).

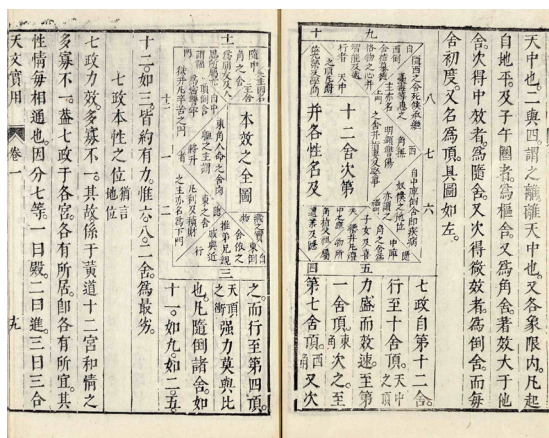


Fig. 2 – As casas astrológicas, *Tianxue shiyong* 天學實用 (pp. 19-20).

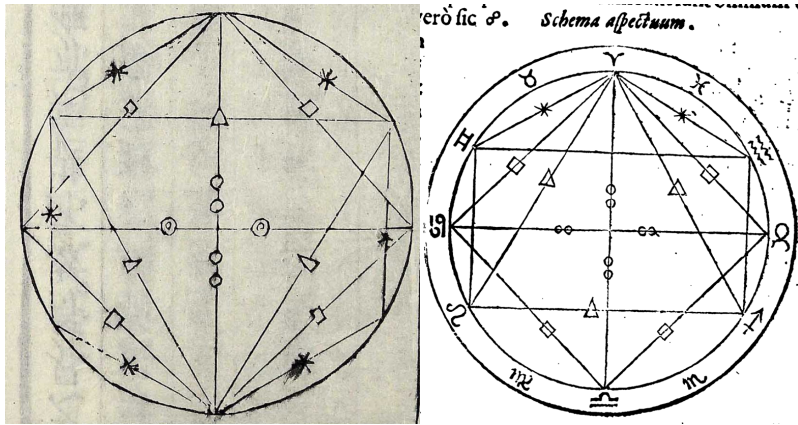


Fig. 3 – Os aspectos planetários: em cima, *Tianxue shiyong* 天學實用 (pp. 19-20); em baixo, *Isagoge* (fol. 46v)

Smogulecki e o ritmo dos céus

Como livro de Astrologia europeia, o *Tianxue shiyong*, não é caso único. Outra obra astrológica foi produzida na China em parceria com o jesuíta polaco Jan Mikołaj Smogulecki. De origem nobre, Smogulecki tornou-se membro da Companhia de Jesus por volta de 1636, seguindo para Oriente como missionário em 1645 onde ensinou Matemática e Astronomia. Em 1652 Smogulecki colaborou com o acadêmico chinês Xue Fengzuo na tradução de textos astrológicos europeus, que combinados com o trabalho de Fengzuo, resultaram no *Tianbu zhenyuan* 天步真原 (*Verdadeiros princípios do ritmo dos céus*).⁷ Um dos principais motivos que levou Fezgzuo a interessar-se por astrologia europeia parece ter sido a sua necessidade de encontrar um método de prognosticação que pudesse substituir o método dos cinco planetas (*wuxing* 五星) que ele considerava pouco preciso (cf. Che-Chia 2017: 409-411).

O texto tem várias secções de astronomia e quatro de astrologia: *Weixing xingqing bu* 緯星性情部 («Sobre a natureza dos planetas»), *Shijie bu* 世界部 («Sobre o Mundo»), *Xuanze bu* 選擇部 («Sobre eleições»), and *Renming bu* 人命部 («Sobre o destino humano») (cf. Jun 2017: 492-494; Shi

⁷ Cf. Shi 2007; Zhu 2015; sobre o papel de Xue Fengzuo na matemática chinesa, ver Chu / Zhu 2019.

2007: 77-78). Esta estrutura é típica de um manual de astrologia, contendo primeiro os princípios fundamentais seguidos dos tópicos principais: astro-meteorologia, eleições e natividades. A última secção, o *Renming bu*, é a mais extensa e foi identificado por Nicolas Standaert como a tradução do comentário ao *Quadripartitum* de Girolamo Cardano (Standaert 2001). Standaert sugere também a possibilidade das restantes secções terem como fonte Ptolemeu ou Cardano, ou terem sido compostas por Smogulecki ele próprio. De facto, tal como acima referido, existem muitos textos astrológicos que foram compostos a partir do conhecimento do autor combinado com citações ou segmentos copiados de autores reconhecidos com autoridades da disciplina. Apesar de mais pesquisa ser necessária, é razoável supor que este seja também o caso de algumas partes do *Tianbu zhenyuan*. Tal como já apontado relativamente à fonte do *Tianxue shiyong*, é muitas vezes difícil identificar a fonte exacta, se esta existir. A participação de Smogulecki neste livro tem sido ocasionalmente questionada com base na suposição de que um jesuíta jamais se envolveria com astrologia (cf. Standaert 2001: 53-54; Che-Chia 2017: 409-410), algo que já foi provado ser incorreto (cf. Ribeiro, 2021). Além do mais, uma análise geral das várias partes do livro sugere que os segmentos astrológicos incluem, primariamente, a chamada astrologia natural, lícita mesmo para um jesuíta.

O *Tianbu zhenyuan* tornou-se um texto astrológico popular na China com múltiplas edições e adendas, e influenciou vários outros textos na China e em regiões vizinhas como a Coreia (cf. Jun 2017). Han Qi considera que o *Tianbu zhenyuan* teve uma disseminação mais popular, o que explica o seu maior impacto (cf. Qi 2011: 489). Por outro lado, o *Tianxue shiyong*, terá circulado principalmente entre a elite, sendo menos citado e consequentemente menos influente.

Estes dois livros parecem ser os únicos manuais de astrologia de autoria jesuíta alguma vez impressos. Não é sem surpresa que eles tenham sido produzidos fora do ambiente mais restritivo da Europa onde a Companhia terá barrado qualquer texto puramente astrológico de ser publicado por um dos seus membros. Na China estas regras foram acomodadas para lidar com uma percepção cultural da divinação e da astrologia muito diferentes, e ao mesmo tempo introduzir na China a astrologia europeia, lícita e mais científica. Apesar de serem uma excepção, estes livros integram-se perfeitamente no estilo da literatura científica produzida pelos jesuítas para as audiências chinesas.

Os relatórios astrológicos de Verbiest

Uma referência, embora breve, deve ser feita à contribuição de Ferdinand Verbiest para a disseminação da astrologia europeia na China. De origem flamenga, Verbiest juntou-se à Companhia em 1641, tendo completado os seus estudos em Roma. Embora a sua intenção fosse partir para o Novo Mundo, foi antes enviado para a China em 1658. Devido às suas aptidões como astrónomo tornou-se o responsável pelo Tribunal das Matemáticas, seguindo os passos do seu mentor, Schall von Bell. Como parte dos seus deveres, Verbiest tinha de submeter ao Imperador prognósticos astro-meteorológicos, tarefa que o próprio descreve no décimo do capítulo de *Astronomia Europaea* (Dillingen, 1687), mencionando a sua dificuldade e como poderia ter consequências negativas para a reputação do astrólogo:⁸

Para além do cálculo anual dos três livros-calendário acima referidos, outro não pequena responsabilidade foi-me também conferida. A cada meio quarto do ano (cada intervalo de 45 dias, quando as condições meteorológicas mudam), portanto 8 vezes por ano, tenho de computar a figura do firmamento. Eu tenho também de prognosticar muito meticolosamente a disposição futura dos céus a um determinado meio quarto e a mudança no ar, incluindo as suas consequências como peste e outras doenças, escassez de alimentos, etc., indicando também os dias em que vento, relâmpagos, chuva, neve e outros fenómenos semelhantes vão aparecer. Tudo isto deve ser apresentado ao Imperador por meio de uma petição que é depois delegada ao colégio dos Ko-lao para ser preenchida. Qualquer um compreenderá que a dificuldade desta tarefa, e o perigo ao qual a reputação de um bom astrólogo é sujeita, a não ser que ele opera com o maior cuidado, especialmente quando lidando com pessoas que são tão ignorantes de astrologia, como são acostumadas a outras coisas e dotadas de aguçada inteligência. (Verbiest *apud* Golvers 1993: 79)

Nestes relatórios Verbiest utiliza o corpus astrológico europeu baseado nas lunações, ingressos e eclipses, que Smogulecki incluiu na secção *Shijie bu do Tianbu zhenyuan* e igualmente presentes nas lições astrológicas de Santo Antão (cf. Ribeiro 2021: 329-339). Tal como os seus colegas, Verbiest estava

⁸ Um estudo preliminar deste material foi apresentado em conferência por Patricia Konings, mas nunca publicado (cf. Konings, 1990).

a praticar astrologia natural, considerada licita pela Igreja, evidenciando o quanto ela fazia parte da sua educação e das suas ferramentas enquanto astrónomo e matemático.

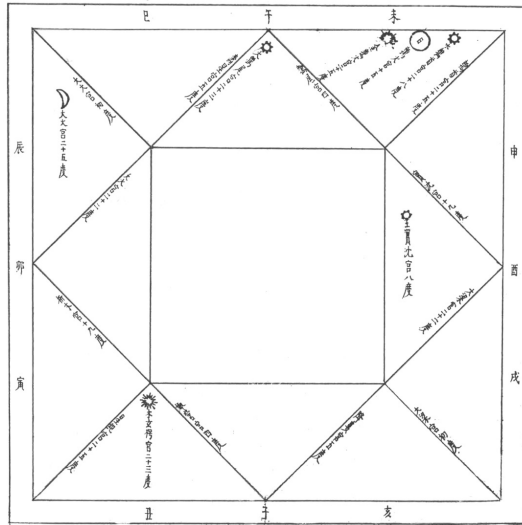


Fig. 4 – Figura astrológica de um dos relatórios de Verbiest (*apud* Konings 1990)

Em conclusão, a China oferece um importante exemplo quanto ao papel da astrologia nas trocas científicas dos jesuítas. Aqui a sua relevância é extremamente visível e contém a exceção para a ausência de texto astrológicos práticos de autoria jesuíta. O *Tianxue shiyong* e o *Tianbu zhenyuan* são a clara indicação do conhecimento teórico e da aplicação prática da astrologia por académicos jesuítas. Estes dois impressos mostram como os jesuítas compreenderam a importância da astrologia como um conhecimento de interesse intercultural, e, portanto, uma valiosa moeda de troca nos seus intercâmbios. Esta disseminação da astrologia europeia pelos jesuítas tornou-se uma grande influência na produção de outros textos nas décadas seguintes e modelou a prática astrológica chinesa. Teve também impacto nas perspectivas filosóficas relativas à divinação. Xu Guangqi, um estudioso convertido ao cristianismo que trabalhou directamente com Ricci e Schall, adoptou o ponto de vista ocidental e considerou que o uso da astrologia para previsão de calamidades e dia propícios deveria ser proibido por lei,

devendo apenas ser aplicada à prognosticação meteorológica e para prescrição médica (cf. Huang Yi-Long 1993: 92). Esta é obviamente uma apologia à Astrologia Natural, tal como considerada pelos europeus e trazida para a China pelos jesuítas. Adicionalmente, esta afirmação de Xu Guangqi é em si mesmo um forte testemunho de que a astrologia era parte dos ensinamentos jesuítas, talvez até a desde que Ricci estabeleceu uma presença permanente na corte imperial e iniciou este intercâmbio. A participação de Smogulecki no *Tianbu zhenyuan* teve também um impacto considerável. Primeiramente no editor do texto, Xue Fengzuo, que escolhe incluir a astrologia europeia como um substituto de maior precisão para práticas tradicionais chinesas. Em segundo lugar na produção de outras obras chinesas sobre astrologia europeia na china e regiões vizinhas, como a Coreia, durante os séculos XVII e XVIII.

É frequentemente assumido pela narrativa historiográfica (especialmente em trabalhos mais antigos) que os jesuítas apenas publicaram textos astrológicos para agradar os leitores chineses, e como uma estratégia para alcançar uma cultura onde a prognosticação e divinação eram parte integral da vida. É verdade que o uso da Astrologia (e de outros ramos do conhecimento) para servir propósitos políticos é prática recorrente, e parece claro que nem Ricci, nem Schall ou Verbiest são totalmente inocentes a este respeito. No entanto, consideradas as evidências de como a astrologia fazia parte da cultura e da aprendizagem de muitos astrónomos jesuítas, não há razão para contestar que, junto com a astronomia, eles também ensinaram a astrologia. Assim sendo, e em particular no caso da China, o contexto cultural, o processo de acomodação, e a distância à Europa e às regulamentações das suas instituições, facilitou a emergência deste conhecimento astrológico e da sua prática, levando à publicação de impressos que jamais vieram à luz na Europa.

Referências

- Che-Chia, Chang. «Translation and Adaption: The Continuous Interplay between Chinese Astrology and Foreign Culture». Em: Lackner, Michael (ed.). *Coping with the Future: Theories and Practices of Divination in East Asia*. Leiden: Brill, 2017, 409-432.
- Chu, Longfei / Zhu, Haohao. «Re-examining the impact of European astronomy in seventeenth-century China: a study of Xue Fengzuo's system of thought and his integration of Chinese and Western knowledge». Em: *Annals of Science*, 76, 3-4, 2019, 303-23.
- Collani, Claudia von. «Astronomy versus Astrology. Johann Adam Schall von Bell and his 'superstitious' Chinese Calendar». Em: *Archivum Historicum Societatis Iesu*, LXXXII, 2013, 421-458.
- Elman, Benjamin A. *On Their Own Terms: Science in China, 1550–1900*, Cambridge, MA / London, England: Harvard University Press, 2005.
- Golvers, Noel (ed.). *The Astronomia Europaea of Ferdinand Verbiest, S.J. (Dillingen, 1687): Text, Translation, Notes and Commentaries*. Nettetal: Steyner Verlag, 1993.
- Huang Yi-Long. «Court Divination and Christianity in the K'ang-hsi Era». Em: *Chinese Science*, 10, 1991, 1-20.
- Huang Yi-Long. «L'attitude des missionnaires jésuites face à l'astrologie et à la divination chinoises». Em: Delahaye, Hubert / Jami, Catherine. *L'Europe en Chine: interactions scientifiques, religieuses et culturelles aux XVIIe et XVIIIe siècles: actes du colloque de la Fondation Hugot (14-17 octobre 1991)*. Paris: Collège de France, Institut des hautes études chinoises, 1993, 87-108.
- Jami, Catherine / Engelfriet, Peter M / Blue, Gregory (eds.). *Statecraft and intellectual renewal in late Ming China: the cross-cultural synthesis of Xu Guangqi (1562–1633)*. Leiden; Boston: Brill, 2001.

- Jami, Catherine. *The emperor's new mathematics: Western learning and imperial authority during the Kangxi Reign (1662–1722)*. Oxford / New York: Oxford University Press, 2012.
- Jun, Yong Hoon. «Western Horoscopic Astrology in Korea». Em: Lackner, Michael (ed.) *Coping with the Future: Theories and Practices of Divination in East Asia*. Leiden: Brill, 2017, 486-496.
- Konings, Patricia. «Astronomical Reports Offered by Ferdinand Verbiest S.J. to the Chinese Emperor». *Sixth International Conference on the History of Science in China, August 2–7, Cambridge, 1990* (palestra não publicada).
- Kotyk, Jeffrey. «The Sinicization of Indo-Iranian Astrology in Medieval China». Em: *Sino-Platonic Papers*, 282, 2018, 1-95.
- Lippiello, Tiziana. «Astronomy and astrology: Johann Adam Schall von Bell». Em: MALEK, Roman (ed.). *Western learning and Christianity in China: the contribution and impact of Johann Adam Schall von Bell, S.J. (1592–1666)*. Sankt Augustin, China-Zentrum: Monumenta Serica Institute, 1998, 402-430.
- Magini, Giovanni Antonio. *Ephemerides coelestium motuum. Io. Magini Patavini, ad annos XL ab anno Domini 1581 usque ad annum 1620*. Venezia: Damiano Zenario, 1582.
- Mak, Bill M. «Greco-Babylonian Astral Science in Asia: Patterns of Dissemination and Transformation». Em: Takeda, Tokimasa; Mak, Bill M. *EastWest Encounter in the Science of Heaven and Earth 天と地の科学—東と西の出会い*. Kyoto: Institute for Research in Humanities, Kyoto University, 2019, 14-34.
- Martzloff, Jean-Claude. *Astronomy and Calendars – The Other Chinese Mathematics*. Berlin / Heidelberg: Springer, 2016.
- O'Malley, John W. / Bailey, Gauvin Alexander / Harris, Steven J. / Kennedy, T. Frank (eds.). *The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts, 1540–1775*. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

- Qi, Han. «From Adam Schall von Bell to Jan Mikołaj Smogulecki: The Introduction of European Astrology in Late Ming and Early Qing China». Em: *Monumenta Serica*, 59, 1, 2011, 485-490.
- Ribeiro, Luís Campos. «Transgressing Boundaries? Jesuits, astrology and culture in Portugal (1590–1759)». Tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2021.
- Romano, Antonella. «Observer, vénérer, servir. Une polémique jésuite autour du Tribunal des mathématiques de Pékin». Em: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 59, 4, 2004, 729-756.
- Saraiva, Luís (ed.). *History of mathematical sciences: Portugal and East Asia II: University of Macau, China, 10-12 October 1998*, Hackensack, N.J: World Scientific, 2004.
- Saraiva, Luís / Jami, Catherine (eds.). *The Jesuits, the Padroado and East Asian science (1552–1773)*. Singapur / Hackensack, NJ: World Scientific, 2008.
- Shi, Yunli. «Nikolaus Smogulecki and Xue Fengzuo's 'True Principles of the Pacing of the Heavens': Its Production, Publication, and Reception». Em: *East Asian Science, Technology, and Medicine*, 27, 2007, 63-126.
- Smith, Richard J. *Mapping China and Managing the World: Culture, Cartography and Cosmology in Late Imperial Times*. London / New York: Routledge, 2013.
- Standaert, Nicolas. «European Astrology in Early Qing China: Xue Fengzuo's and Smogulecki's Translation of Cardano's Commentaries on Ptolemy's». Em: *Sino-Western Cultural Relations Journal*, XXIII, 2001, 50-79.
- Trigault, Nicolas. *De Christiana expeditione apud sinas suscepta ab Societate Jesu. Ex P. Matthaei Riccii eiusdem Societatis commentariis Libri V: Ad S.D.N. Paulum V. In Quibus Sinensis Regni mores, leges, atque instituta, & novae illius Ecclesiae difficillima primordia accurate & summa fide describuntur*. Augsburg: Christoph Mangio, 1615.

Zhu, Haohao. «Integrating Human with Heaven by Numbers: A Research on Xue Fengzuo's Astrology. 以数合天——薛凤祚星占工作研究». Tese de Doutorado. University of Science and Technology of China, 2015.

Zhu, Haohao. *Integrating Human with Heaven by Numbers: A Research on Xue Fengzuo's Astrology*. 以数合天——薛凤祚星占工作研究. Tese de Doutorado. University of Science and Technology of China, 2015.